

Operadora:

Bom dia e obrigada por aguardarem. Sejam bem vindos à teleconferência do Banco do Estado do Rio Grande do Sul (Banrisul), para discussão dos resultados referentes aos doze meses e ao quarto trimestre de 2016.

Estão presentes hoje conosco os senhores: Ricardo Hingel - Diretor Financeiro e de Relações com Investidores Werner Kohler - Superintendente Executivo da Unidade de Contabilidade e Alexandre Ponzi - Superintendente Executivo da área de Relações com Investidores.

Informamos que esse evento está sendo gravado e que todos os participantes estarão apenas ouvindo a teleconferência durante a apresentação da Companhia e em seguida iniciaremos a sessão de perguntas e respostas exclusivamente para analistas e investidores, quando maiores instruções serão fornecidas. Caso algum dos senhores necessite de assistência durante a conferência, queiram, por favor, solicitar a ajuda de um operador digitando *0.

O replay desse evento estará disponível logo após seu encerramento por um período de 7 dias.

Antes de prosseguir, gostaríamos de esclarecer que eventuais declarações que possam ser feitas durante essa teleconferência, relativas às perspectivas de negócios do BANRISUL, projeções e metas operacionais e financeiras, constituem-se em crenças e premissas da diretoria da Companhia, bem como em informações atualmente disponíveis. Considerações futuras não são garantias de desempenho. Elas envolvem riscos, incertezas e premissas, pois se referem a eventos futuros e, portanto, dependem de circunstâncias que podem ou não ocorrer. Investidores devem compreender que condições econômicas gerais, condições da indústria e outros fatores operacionais, podem afetar o desempenho futuro do BANRISUL e podem conduzir a resultados que diferem, materialmente, daqueles expressos em tais considerações futuras.

Agora, gostaríamos de passar a palavra ao Ricardo Hingel, Diretor Financeiro e de Relações com Investidores do Banrisul, que dará início à apresentação. Por favor, Sr. Ricardo, pode prosseguir.

Ricardo Hingel:

Bom dia a todos. É um prazer estar mais uma vez aqui para passar os números do Banco. É muito importante comentar o que houve ao longo de 2016. Nós costumamos dizer que 2016 foi uma continuação de 2015, quanto a período econômico, ou seja, 2016 foi um ano de agravamento de um processo recessivo já desde 2014, e a questão de recessão econômica e depressão que chegamos inclusive no acumulado próximo de 8%, então esse impacto bastante forte nos negócios bancários como um todo e o nosso especificamente que é o que iremos abordar aqui. É importante, em uma questão macro, o desempenho do Banco. Nós também acompanhamos mais bancos e vemos que o comportamento nosso está muito em linha com mais bancos brasileiros.

Verificamos que muitas vezes, com relação ao comportamento, eventualmente o mercado, em regiões distintas, onde o Banco não opera, tem um *mix* de estratégias diversas de cada banco que acaba fazendo diferença no desempenho dos bancos.

Quando olhamos uma linha de normalidade, o que Banco é muito semelhante aos demais bancos. Ou seja, um impacto muito forte da recessão, no geral, todos os negócios do banco, mais especificamente na questão do crédito.

Então, vou falar rapidamente aqui sobre os principais impactos e depois nós, nos detalhes da apresentação, e no Q&A que vamos fazer.

Primeiro, vale dizer que nessa avaliação existe um ponto negativo que é, sem dúvida, uma manutenção de inadimplência elevada em termos históricos, acima do que praticávamos em momentos de normalidade. Porém, como a anormalidade é econômica, é ela que acaba mudando os parâmetros gerados.

Se a provisão, inadimplência e provisão têm sido elevadas, alguns pontos entendemos como positivos. O Banco teve, em cima de sua estratégia, uma melhoria significativa na sua base financeira, capturada também com aumento de spread. Então, de 2015 até hoje, reprecificamos a carteira, introduzindo spread, não taxa de juros mas spread, o que contribuiu significativamente com o aumento da base financeira e os números que veremos mais adiante.

Então, os números relativos à intermediação financeira também cresceram significativamente. Quando falo significativamente, friso a questão de ganhos reais, ou seja, qualquer tipo de indexador.

Tivemos também a satisfação de conseguir um bom comportamento, uma melhoria do índice de cobertura do Banco, toda a questão de cobertura das nossas despesas gerais e administrativas com pessoal, impactadas também, com receitas de serviço onde também tivemos uma significativa melhora.

Tivemos também um incremento de depósito, então o Banco continua com uma forte franquia na captação de depósitos, especialmente no mercado em que atuamos, boa parte dos recursos relativos a poupança em geral, CDB, fundos de investimento na linha de poupança, todos esses itens nós tivemos uma performance interessante e consolidando essa questão, a capacidade muito forte do Banco de capturar a poupança geral e, ao mesmo tempo, manter os custos bastante interessantes.

Ou seja, continuamos gastando recursos em um custo médio inferior a 90% do CDI. Ou seja, isso nos dá uma vantagem bastante interessante. Nós vamos estar especialmente, com depósito a prazo, denominando como nosso oxigênio principal. Nosso oxigênio, quer dizer, o recurso líquido que nos permite fazer nossas operações, teve uma performance bastante interessante.

Com relação à carteira de crédito, a questão do crédito tem duas características, especialmente nesses bancos, apesar do setor. O primeiro deles, exatamente a questão que é a mais falada, que é a questão da qualidade da carteira, ou seja, os índices de inadimplência e necessidade de condicionamento, mas também uma baixa demanda.

Então olhamos o país no ano passado, com crédito próximo de zero em termos da unidade de crescimento, o que significa, na prática, que houve uma forte contração na concessão de crédito, ou seja, quando usamos como indexador a taxa média trabalhada nas carteiras de crédito em geral, podemos apurar uma queda na carteira dos bancos em geral na ordem entre 20% e 25% de redução real das carteiras de crédito.

No caso do Banco, ficamos muito próximos do mercado, e eu diria que em termos nominais a variação é pequena, e em termos reais, houve uma queda significativa na carteira de crédito.

Agora, o importante também é que dentro da carteira de crédito, o nosso crédito comercial é onde estão os melhores spreads, ela representa alguma coisa como 60% da carteira.

Em função da baixa demanda de crédito e a nossa capacidade de captura de *funding*, nossa relação crédito e captação caiu ainda mais. Ou seja, o Banco tesourou mais recursos ao longo desse ano do que liberou crédito. Essa relação acaba, na realidade, reforçando cada vez mais a participação de liquidez do Banco, uma liquidez bastante forte que nós temos.

Com relação à receita de serviços, também um ponto positivo que destacamos, é a receita que cresceu a 18%, também muito positivo naquilo que nós vimos capturando. A questão da adquirência, nossa Rede Vero, teve uma participação significativa na formação do nosso resultado. A empresa, na sua performance, foi muito positiva no crescimento da sua operação, ao mesmo tempo que contribuiu para o nosso resultado, com um pouco mais de R\$200 milhões na formação do nosso resultado final.

Nossos ativos ficaram praticamente estáveis, crescimento próximo de 3%, da mesma forma que o patrimônio líquido. Vamos detalhar também o resultado final, onde fazemos uma avaliação gerencial do resultado, tirando os não recorrentes, do ano de 2015 e de 2016, o nosso resultado é bem superior, 33% superior ao resultado de 2015 fazendo esse ajuste gerencial, e eu acredito, e boa parte dos analistas que tem o modelo também, acabam capturando e veem a performance original do Banco nas seis receitas não recorrentes.

Nós vemos que ficou estável tanto ROI quanto ROAE do Banco, permaneceram estáveis e, no último trimestre, também podemos detalhar, inadimplência do 4T apresentou melhoras em relação aos demais trimestres do ano, e só para fechar a situação, ou seja, o Banco procurou uma estratégia de condução da carteira, ou seja, administração das carteiras existentes, o Banco não foi ao mercado liberar mais recursos, pelo contrário, ele procurou cobrar e administrar carteiras existentes.

Essa questão foi radicalizada na estratégia do dia a dia, o próprio Presidente do Banco está a frente das reuniões semanais, cada segunda-feira fazendo reuniões semanais com os superintendente regionais para monitorar a ação de cobrança do Banco, que entendemos que, especialmente no 4T, ela começou a ter resultado.

Também a questão das provisões, o Banco sempre fez, e quem nos acompanha, especialmente, eu retornei ao Banco desde 2015, nós temos dito que estamos fazendo as provisões necessárias.

O Banco até foi penalizado nisso, porque foi o primeiro banco a mostrar o aumento de provisionamento, mas nas reuniões que fazíamos, dizíamos, “o cenário é rigorosamente o mesmo, o ambiente econômico é rigorosamente o mesmo”, ou seja, o que nos afeta e afeta os outros bancos – porque o Banrisul não é uma ilha, pelo contrário, ele é incorporado à economia nacional como um todo, e ele é afetado quando a coisa melhora e quando a coisa piora.

Eu acho que o resultado e o nível de provisionamento dos demais bancos mostra essa tendência, e vocês veem melhor do que nós aqui, podem avaliar o resultado dos outros bancos e conseguem avaliar melhor do que nós como se comportou o agravamento da necessidade de provisionamento e a inadimplência que ocorreu em alguns dos principais bancos brasileiros.

Então, o que nós fizemos aqui basicamente é uma estratégia de defesa e conseguimos terminar 2016 no Banco com uma base baixa de alavancagem, um dos bancos menos alavancados, um índice de Basileia muito comportado e uma liquidez bastante elevada, mesmo o Banco tendo tido alguns desenhos bastante fortes, como, por exemplo, a compra da folha, que já foi explicado, R\$1,2 bilhão, aumentos de compulsórios, resgates da letra financeira que estava em mercado – entre R\$4 bilhões e R\$5 bilhões de recursos extras retirados do caixa, e mesmo assim temos uma posição bastante confortável, R\$15 bilhões de caixa em média, diário em média, houve uma carteira de 30, então são R\$15 bilhões de liquidez contra 30 de carteira. E também a relação crédito com a captação foi bastante interessante.

Nesse sentido, acompanhando o bond do Banco nos últimos 45 dias, ele teve uma apreciação bastante significativa e eu trago a avaliação do bond. Hoje ele tá em torno de 102 de seu valor de fato, porque ele tem uma relação direta com o risco do Banco, de crédito, de solvência do papel. Com esse risco, essa leitura do mercado que tem sido bastante positiva, temos esse ponto, tem tido especialmente uma apreciação bastante interessante.

Então, eu gostaria de encerrar nesse momento e passar para o Alexandre, que fará um detalhamento dos números e depois podemos voltar para eventuais questionamentos.

Alexandre Ponzi:

Bom, os pontos principais foram traçados agora na abertura, nós só vamos fazer uma melhor visualização dos resultados do Banco.

Com relação à margem financeira, foi dito que o Banco fez implemento de margem e atingimos 8,70% de margem no acumulado do ano, 9,22% no último trimestre e isso foi produzido em um ambiente em que a carteira de crédito não cresceu, mas o Banco fez um esforço forte na manutenção de uma estrutura de *funding* bastante barata e tem, por óbvio, incrementado seus spreads, temos divulgado periodicamente quais são as taxas médias praticas, um spread que vem crescendo em um ambiente absolutamente recessivo, e que tem um componente bastante grande de risco, mas que no momento não contribui para efeito de margens.

O Banco busca uma estabilização, prevê uma estabilização, uma diminuição da taxa Selic em um ambiente mais saudável, porque o contraponto dessa margem hoje se dá em cima da produção ao longo dos últimos dois anos, ao longo de 2016, em provisão por conta das operações de crédito de maior risco.

Dito isso, a despesa de provisão fica dentro da margem do Banco, ela é menor do que o trimestre anterior, ela sofre uma redução de 25%, porque os elementos de recuperação de crédito baixado a prejuízo de clientes corporativos não ocorreram na mesma velocidade de expressão que houve no trimestre anterior.

Por conta disso, a provisão cresce para 7,5% no ano como um todo, 5,5% com um fluxo de despesa de provisão registrado dentro do ano, dentro do que nós já havíamos comentado com o mercado, e por conta do decaimento da carteira, ela atinge hoje no saldo da provisão 8,7% da carteira total.

O resultado da intermediação financeira é simplesmente o net entre a receita e a despesa de provisão, e ela está impactada nessa linha efetivamente pelo crescimento de despesas de provisão em um volume bastante forte, 15 contra 16, tendo em vista que a base de 15 já era também uma base bastante aumentada em relação a períodos históricos do Banco.

O diretor comentou na questão da estrutura de captação do Banco onde nós conseguimos manter uma relação de depósitos contra a carteira de crédito bastante favorável para o Banco hoje, ao redor de 70% na estrutura de captação quando considerado somente o depósito, se pegarmos a captação total com os outros veículos, chega a ser inferior a isso, quase 66%.

Mas o mais importante é que o custo da captação continua inferior a 90% da taxa Selic, e mais, ele tem tido uma redução em relação aos períodos anteriores. Por quê? Por conta da predominância dos instrumentos de captação junto a clientes, não mais institucional, menos ou quase nada dependente de outras fontes a não ser basicamente os nossos clientes.

Foi comentado também que o Banco tendo uma redução de letra financeira pública, isso representou uma saída de caixa entre principal e juros de quase R\$1 bilhão ao longo agora do 3T desse ano.

Receitas de prestação de serviços, um crescimento forte de 18% ano contra ano, R\$1.7 bilhão, e há uma pequena redução marginal em relação ao 4T quando comparado com o trimestre imediatamente anterior. Isso foi por conta do quê? Por conta de uma estrutura que agora será notificada na empresa de cartões, onde subadquirentes de portes corporativos estão sendo substituídos e serão substituídos ao longo de 2017 por subadquirentes de menores portes.

Traduzindo, o melhor NTR médio, mas em um primeiro momento nós percebemos não pela retirada, mas pela diminuição de algumas transações capturadas por esse perfil de público, uma pequena redução em relação ao volume apresentado correspondente à receita de adquirentes que o Banco conferiu ao longo do último trimestre.

Ainda assim, e considerada essa pequena redução, 18% de crescimento na base de geração de *fees* e incrementadas por produtos de seguro, capitalização e outros, é um crescimento bastante forte. O reflexo dessa pequena redução de 2,5% que eu tinha comentado está onde comentamos a rede de adquirentes, onde há uma diminuição do volume e de transações capturadas. Essas transações refletem muito mais volume no absoluto, e tende a refletir menos no resultado da Empresa.

Nós esperamos que a Cartões, que contribuiu com R\$206 milhões de resultado para o lucro líquido do Banco, quase R\$700 milhões de receita de prestação de serviço no agregado, ela continue mantendo no mínimo um patamar semelhante para o ano de 2017.

Despesas administrativas recorrentes crescem 14,2% no absoluto. Sim, é um crescimento forte, um crescimento acima de inflação, um crescimento em cima de uma expectativa de inflação menor, mas ela está condicionada na parte da despesa de pessoal, que é a parcela principal da nossa despesa administrativa, por dois elementos.

O último trimestre foi impactado pela parcela adicional do dissídio coletivo que tinha sido provisionado em setembro em 5%, e agora ele passa a impactar na totalidade 8% de aumento sobre a folha de empregados do Banco, e mais, além disso, o dissídio incluiu uma cláusula nova que foi um abono pago individualmente em um valor unitário a todos os empregados do sistema financeira e do Banrisul.

Isso gerou cerca de R\$45 milhões de despesas que vão ocorrendo em um único trimestre, portanto elas fizeram com que houvesse um crescimento acelerado no trimestre, agora na despesa de pessoal. Expurgado isso, ela fica absolutamente em linha com a cláusula de dissídio coletivo e de reajuste de salário.

As demais despesas administrativas, os 17%, quase 18% de crescimento ano contra ano, precisam ser depuradas e qualificadas melhor para que nós identificamos efetivamente o que são elementos, o que são investimentos, seja investimento, mas já produzindo, ou seja investimento para manutenção de carteiras de clientes, que não existiam no ano de 2016 ou que se aceleraram no último trimestre.

Aceleraram a despesa de publicidade e propaganda, onde ela sai no agregado de 2015 em R\$55 milhões para R\$91 milhões em 2016, e no dois últimos trimestres nós tivemos R\$31 milhões ao final de setembro e R\$33 milhões de despesas de marketing no Banco. O Banco voltou à mídia. Os clientes do Banco estavam sendo atacados pelos nossos concorrentes, e o Banco resolveu se posicionar para mostrar todo o seu portfólio de produtos para aquele público que está detendo e na área onde ele atua, que é o Estado do Rio Grande do Sul.

E, além disso, existe o que não havia no ano de 2015, despesas de amortização de ágio e investimento e amortização da folha de pagamento do bem adquirido. A folha de pagamento custou ao Banco R\$1.2 bilhão em junho desse ano, dos quais nós vínhamos provisionando cerca de R\$90 milhões, essas duas rubricas.

Até dezembro, nós estamos absolutamente confortáveis de todos os passos colocados na preservação dessa base de clientes para que possamos a ter um horizonte de tempo para melhor explorar. Há dez anos eles foram ratificados pela estrutura legal de governança corporativa, e o *valuation*, conforme os nossos auditores independentes, estão absolutamente confortáveis com a recuperabilidade de valor investido. Portanto, esse ágio é fruto de um investimento, e o Banco vem buscando melhor explorar e tem um horizonte de tempo ainda para poder fazer frente.

Excluídos esses dois elementos principais, nós teríamos uma avaliação das demais despesas administrativas em linha com a inflação média do período, cerca de 8%. Então, são despesas que são tratadas na verdade como investimento, e vêm gerando negócio, seja na parte de clientes, seja na parte de operações de crédito quando fazemos o condicionamento, a estrutura de correspondentes bancários, e também na questão de preservação de base de clientes.

Outras receitas e despesas operacionais recorrentes são impactadas por uma série de fatores, sendo o principal, temos explicado, a variação cambial do período. A variação cambial gera uma flutuabilidade dos resultados, e esse ano gerou um resultado negativo para Banco em equivalência patrimonial das dependências exterior, e mais, tivemos ao longo do ano o aumento de despesa por conta de desconto em renegociação de operações de crédito, que foram contabilizados.

A questão da confiabilidade do câmbio a partir de 2017 deve ser jogado contra o BRL, tornando essa linha, o líquido entre receitas e despesas operacionais menos volátil na análise.

O lucro líquido contábil do Banco de R\$659 milhões está impactado nesse ano por também uma parcela adicional advinda do acordo com a Icatu para a conclusão do negócio da JV da Bipar Participações. Então, ele tem, sim, uma redução no contábil de um pouco mais de 21%, mas no gerencial ele cai a 14%.

E aí, para efeitos de orçamento nós apresentamos na sequência a decoração do resultado, a formação do resultado pela exclusão de elementos extraordinários, ou elementos que possam ter ocorrido somente em um período e no outro, para mostrar que em um ambiente impactado o resultado sobre juros da despesa de provisão, o lucro de negócios do Banco, na formação ajustada para um ambiente mais saudável, ele apresenta uma estabilidade do crescimento de negócios.

Portanto, os elementos que contribuíram de forma extraordinária, de forma pontual, para a formação do resultado, quando excluídos, eles mostram que a estrutura de negócio do Banco está preparada, sim, junto com a sua capacidade de base de capital absolutamente forte, mais a sua capacidade de obter *funding* barato para fazer o crescimento quando o mercado assim permitir.

Os ativos totais, esses pontos de bens patrimoniais não são importantes de colocar agora, mas estamos abertos para discussão posterior. Só mostrando que a carteira cai 5,2%, R\$30,3 milhões no total, a abertura da carteira de crédito comercial ainda bastante representativo, 70% da nossa carteira como um todo.

Patrimônio líquido do Banco, R\$6,4 bilhões impactados ao longo do último trimestre pelo resultado produzido, pelo pagamento de juros sobre capital próprio, e pela remensuração dos

ativos, do passivo atuarial do plano de benefício definido que o Banco patrocina para os seus empregados, essa remensuração é feita uma vez ao ano.

Os indicadores do Banco já haviam sido comentados, nós reforçamos o índice de cobertura para 60 ou 90 dias, voltamos para os mesmos patamares de retorno em relação a 2015. Melhoramos em relação ao trimestre anterior do curto prazo, estamos um pouco acima de dezembro de 2015 na questão da inadimplência, onde o crédito já sai ajustado, com toda essa estrutura de seletividade e conservadorismo do Banco, retorno sobre os ativos em linha com o exercício de 2015, por conta dessa estrutura maior de despesa de pessoal por força do acordo coletivo, o índice de eficiência diminui um pouco em relação ao trimestre anterior e em relação ao ano anterior para 52,1%, quando era 50,2% em dezembro de 2015.

A estrutura de pessoal do Banco colocado onde há uma modificação um pouco para buscar uma otimização de custo entre estagiários e empregados de carreira. Base de capital do Banco, Basileia total, 16,9, Basileia Tier I, 14,2, a estrutura de agências que apresentamos, mais na sequência, a abertura da inadimplência entre inadimplência total do Banco e pessoa física e pessoa jurídica, onde nós vimos uma redução em relação ao período anterior, ou seja, a tendência de curto prazo melhor no crédito a pessoa jurídica, que foi o que mais exigiu destaque de provisão ao longo dos últimos dois anos.

Uma reestabilização ou uma pequena piora no crédito da pessoa física total, mas uma manutenção da qualidade da carteira de crédito consignado, que é aquela que é a principal carteira, ou a carteira onde o Banco vem oferecendo crédito à pessoa física de forma recorrente e incentivada.

O *guidance* do Banco ajustado para o exercício de 2015, com um crescimento de carteira entre 3% e 7%, despesa de provisão no fluxo ao longo de 2017, mesmo patamar que nós vimos ao longo de 2016, por conta do que foi dito na abertura que o ano de 2016 serve como um parâmetro pelo menos para grande parte de 2017, ainda assim impactando.

Por conta do não crescimento da carteira ou por conta de um dos menores volumes de baixa a prejuízo, estamos elevando um pouco o saldo da provisão em relação à carteira, em relação ao *guidance* anterior, e mantendo os demais os outros índices do *guidance*.

Esse é um breve resumo da apresentação, vou passar um pouco a palavra para o diretor, para ver se ele tem algum comentário adicional, antes de fazermos a sessão de perguntas e respostas.

Ricardo Hingel:

Eu acho que por enquanto nós podemos passar diretamente para as perguntas e respostas, já pode encaminhar para a primeira pergunta.

Guilherme Costa, Itaú BBA:

Bom dia a todos. Obrigado pela oportunidade. Tenho duas perguntas. A minha primeira é sobre o *guidance* de margem de vocês. Nós vimos que o ponto médio indica uma contração de 70 b.p., e nesse ambiente de uma contração na Selic, nós imaginamos que pelo menos uma parte de carteira de vocês, do consignado, deve ser positivamente impactado pela redução da Selic, dado que o custo de captação irá diminuir, e uma parte da carteira é pré-fixada.

Então, eu gostaria que vocês explicassem um pouco melhor a dinâmica da redução dos 70 b.p. no custo médio, se vocês puderem dar alguma sensibilidade de quanto uma redução de 100 b.p. na Selic reduz a margem de vocês.

E a minha segunda pergunta é sobre a receita de serviços. Após o forte crescimento em 2016, que foi quase 18% comparando ao que vocês apresentaram, e diante da mudança no modelo da subadquirência que impactou um pouco o volume da Rede Vero no 4T, eu gostaria que vocês falassem um pouco mais sobre como vocês esperam o comportamento da receita de serviços como um todo para 2017. Obrigado.

Ricardo Hingel:

A sua pergunta não é tão simples de responder, nós não conseguimos enxergar ainda uma questão de tendência evidente, sempre discutimos aqui no Banco, o Banco vive de spread, não da taxa de juros. É a diferença entre custo de captação e a operação, é aí que nós temos o spread.

Quando nós olhamos, projetamos a Selic ao longo desse ano, a métrica, certamente tem um impacto positivo no primeiro momento na carteira de crédito pré. Ou seja, na carteira de crédito consignado é direta, são R\$9 bilhões de carteira e quanto antes cai a taxa, mais rapidamente nós iremos auferir o resultado. Então, nesse sentido a taxa é bastante positiva.

Também na questão do custo de captação do Banco e também da dívida, a questão da taxa, tanto da taxa nominal quanto nas operações indexadas ao CDI, então nominalmente cai também esse custo.

Então, eu diria que em um primeiro momento ela tende a ser positiva, e especialmente nós não mexemos nas nossas taxas de juros, o mercado ainda não começou o momento de redução de taxa. Pelo contrário, o que nós verificamos no acompanhamento do mercado são ajustes pontuais de taxas de juros por uma razão muito simples.

O risco é que continua elevado. Nós estamos enxergando que pode melhorar esse ano, que fique entre 0,5% e 1% esse ano, ainda é uma situação econômica bastante difícil. Então, melhorar não significa que está bom, ou que irá ficar bom.

Então, quando nós fazemos uma análise de risco e continuamos muito pressionado, a questão do risco continua alto na economia, as empresas estão ainda bastante machucadas pela crise.

Machucadas significa que as empresas perderam tamanho, encolheram, elas se endividaram ou perderam parte das suas reservas, e o trabalhador também, o trabalhador que não perdeu emprego, perdeu poder aquisitivo em função de uma inflação que ocorreu elevada em 2015, que não foi reposta ao longo de 2016. Ou seja, há também perda de poder aquisitivo. O risco continua elevado. Daí isso que nós entendemos, provavelmente os bancos não irão fazer um ajuste significativo de taxa de juros pelo menos esse 1S.

Então, a nossa tendência é continuar a recuperação de margem ou pelo menos a estabilização das margens, dos spreads, mas não prever uma revisão de spreads. Na linha do spread, nós tendemos a mesmo ganhar a partir dessas carteiras prévias.

Com relação à receita de adquirência, o Alexandre comentou a tabela. A adquirência, nós temos uma posição bastante confortável no aspecto de *market share*. Vários pontos justificam isso, quer dizer, o cliente do Banco ou pessoa física, cliente do Banco, ou lojista, cliente do Banco, nós entendemos que a boa competitividade nessa questão de ampliação da rede de adquirência, esse ano foi 6%, nós já crescemos o número de pontos de estabelecimentos que fazem as nossas transações.

Essa questão do adquirente, ela tem um ponto mais significativo na questão de uma eventual redução dos números de transações, mas não no volume. Então, esse mercado, a questão da subadquirência de alguma forma pode impactar, mas na questão do resultado ele não é proporcional ao número de transações que são feitas por essa adquirência.

É um mercado bastante competitivo, mas ao longo do ano também temos uma expectativa que além da questão toda de uma ampliação da rede de adquirentes de cartões e meios de pagamento, existe uma questão da própria melhoria, o humor cenário econômico tende a melhorar o volume de transações. Essa é a questão que nos interessa.

E a empresa continua bastante preparada tecnicamente para fazer qualquer tipo de expansão. Isso é uma questão para nós é fundamental. Nós internalizamos também a questão do processamento. Isso também nos deu um ganho de lucro bastante significativo, ou seja, essa a operação, pelo simples fato da internalização do processamento que também agregou uma margem bastante significativa, alguns milhões por mês e ao longo do ano eles acumulam e tornam isso uma vantagem bastante interessante.

Essa questão do processamento nos deu uma de custo e uma vantagem estratégica. Dá para ver que temos hoje plena autonomia na manutenção desses sistemas que são ferramentas fundamentais e bastante estratégicos. O Banco trabalhou mais de dois anos investindo nisso, e agora nós começamos a colher os resultados.

Então, naquela questão que nós olhamos e que ajudou também, o nosso resultado da Rede Vero teve uma melhoria no resultado pelo volume de transações agora, mas também a partir da metade do ano, por uma redução também do ciclo de processamento que é extremamente elevado e impactante ao longo prazo.

Guilherme Costa:

Perfeito. E se você me permitir só um follow-up na primeira pergunta, quando nós olhamos o *guidance* de margem financeira de vocês é de 7,5 a 8,5. Então, no ponto médio nós temos 8 contra 8,7 realizado em 2016. Então, conforme você falou que o spread deve se manter aí pelo menos ao longo do 1S, dá para nós afirmarmos que essa redução no ponto médio da margem irá acontecer mais no 2S?

Alexandre Ponzi:

Sim, a princípio sim.

Ricardo Hingel:

Nós procuramos colocar o *guidance* bastante conservador. Ele trabalha em um nível de crescimento de recuperação econômica. Mas nós apostamos em trabalhar pelo menos na linha superior do rating que temos colocado no *guidance*.

Mas eu acho que a questão das margens, o que nós fomos na realidade, ao longo de 2015, foi mensalmente agregando spreads ou taxa de juros. Aquele número de janeiro de 2015, onde se pegava a receita de operações de crédito na carteira de crédito geral.

Isso dividia pelo saldo médio da carteira, esse número dava 2% em janeiro de 2015. Nós fomos gradativamente reprecificando a carteira, e em dezembro nós fechamos em 2,62. Nós colocamos mais de 30% de caixa em cima dessa carteira, e isso é capturado no resultado.

Esse 2,62 não deve recuar. Nós achamos que deve estabilizar próximo dos 2,60, mas ele não deve agora fazer um movimento de recuo tão cedo, unicamente porque a Selic foi alterada, inclusive vai ser alterada e conseguir mais velocidade. Eu acho que essa é a devolução da reprecificação da carteira. Ela teve um movimento bastante positivo e agora nós entendemos que ela deve ficar *flat*, deve ficar pelo menos entre 18 e 62, é bem sustentável, pelo menos ao longo desses dois trimestres.

Mais do que o 1S não é tão fácil de projetarmos para o Brasil.

Werner Kohler:

Um ponto também, lembra aqui nessa questão da margem financeira, é que nós estamos esperando um pequeno crescimento da carteira de crédito para o ano de 2017. Esse crescimento vai ocorrer nas linhas mais parceladas e não nas linhas de rotativo onde as taxas são as mais altas e os spreads os mais altos.

Nós esperamos que o spread esteja dentro daquele range. Neste ano de 2016 nós crescemos muito o volume no crédito rotativo, em que o cheque especial e do cartão de crédito são as taxas mais elevadas que geram maior spread dessa carteira de crédito. Voltando em 2017 a crescer mais

em linhas parceladas, linhas consignadas, ela tem um spread natural muito mais baixo da linha administrativa.

Guilherme Costa:

Entendido, perfeito. Muito obrigado.

Ricardo Hingel:

Para fechar, na composição do spread nós costumamos dizer, o spread financeiro, o normal, mas existe o chamado spread de risco. Eu coloquei anteriormente que como a economia continua muito difícil, ou seja, é uma economia que ainda está em recessão, vai sair muito lentamente do processo recessivo, vai levar muito tempo ainda para que esse spread de risco, que é para pagar essa conta do risco, isso vai levar tempo ainda para recuar.

Na nossa estratégia, na nossa leitura de mercado, a questão de spread vai se manter elevada, porque esse componente ainda ninguém, nem banco, tem condições de reduzir.

Guilherme Costa:

Perfeito, obrigado.

Gustavo Schroden, Bank of America:

Bom dia a todos. Obrigado pelo *call*. Eu vou fazer duas perguntas. A primeira é referente ao *guidance* de provisão e até entender como deve se comportar isso em 2017, porque nós vimos no 3T um spike e uma despesa com provisão advindo de uma recuperação de crédito maior que vocês tiveram, vocês tiveram que classificar muitos desses clientes na linha pior, que provocou aquele aumento na provisão.

Isso não foi visto nesse trimestre. Eu queria saber se vocês esperam que aquele impacto que aconteceu no 3T pode acontecer ainda ao longo de 2017, e se isso está contemplado nesse *guidance* que vocês passaram ontem para nós em relação às despesas com provisão. Depois eu faço minha segunda pergunta, obrigado.

Ricardo Hingel.

Essa questão do nível de provisão, como nós vemos isso, é um enfrentamento que vem desde 2015, ou seja, é uma linha continuada, não existe um corte. Ele vem continuando. Nós sempre enxergamos, desde 2015, que 2016 também bastante difícil quando nós fazíamos o planejamento de cenário e o banco implantou uma estratégia bastante forte para o gerenciamento dessa carteira de crédito.

A palavra-chave hoje é: administrar a sua carteira. O banco não consegue dissolver essas carteiras, ele administra as carteiras. O banco criou uma série de estratégias para a condição da cobrança dessas carteiras. Nós também temos que entender as empresas.

As empresas, assim como os bancos, elas sofrem com o cenário econômico onde vivem. Praticamente todas as empresas tiveram redução de faturamento, redução da geração de margem, geração de caixa, ou seja, todas tiveram na última linha a sua capacidade de pagamento prejudicada.

O banco entende bem essa questão, e tenta negociar com as empresas, administrar isso com a clientela do banco, para exatamente administrar o crédito de cada um. As empresas em geral, ninguém desaprendeu a fazer os seus negócios, mas não viraram vigaristas de um ano para o outro, da noite para o dia. Elas realmente foram impactadas.

Cabe ao banco, nessa administração de carteira, entender negócio a negócio. E negociar um a um. As estratégias que foram adotadas, não tem tempo aqui de detalhar, mas no dia a dia foram exatamente nesse sentido. O banco mudou e implementou conjuntos de ações para melhorar o entendimento do conhecimento desses clientes, e melhorar a cobrança e em grande parte a renegociação.

Existe um problema no país para a administração desse tipo de situação que nós passamos, que como esse conjunto de empresas que compõe a matriz econômica brasileira, boa parte dela foi impactada. Então existe uma característica dessas empresas, eu diria que é uma minoria que trabalha para um único banco, o que é o normal é que as empresas trabalham com dois, três, quatro, cinco bancos, dependendo do perfil de cada uma.

A dificuldade que está na hora de fazermos o gerenciamento é a seguinte: eu acredito ainda no negócio da empresa, entendo que existe uma necessidade de fazer uma adequação do crédito ao fluxo de caixa atual da empresa, só que não adianta eu aceitar fazer uma repactuação se dois ou três outros parceiros que detém 30%, 40% do restante da dívida das empresas, também não vierem para o jogo e não ajudarem a ajustar esse fluxo de caixa.

Isso é um aprendizado para os bancos em geral, e é uma dificuldade adicional que nós temos para fazer essa correta gestão. Esse trabalho é extremamente complexo, e não depende somente dos bancos e do cliente, depende dos demais bancos que detém os ativos bancários das empresas também entenderem esse tipo de processo e fazerem as negociações daquelas empresas que nós entendemos que o negócio ainda é viável.

Ou seja, se uma empresa vendia 100 e está vendendo 80, OK, ela ainda é viável porque ela tem comercialmente, ela consegue vender 80. Ela perdeu força de equilíbrio, perdeu geração de caixa, perdeu capacidade. Se a empresa vai morrer, não, não vai morrer. Vai morrer se ela não ajustar o fluxo de caixa.

Essas questões que nós temos trabalhado, é muito difícil prever. Agora, nos resultados que nós temos tido, nós entendemos que boa parte da provisão mais delicada já foi feita e nós estamos

prevendo um nível de provisão relativamente elevado para o ano que vem, mas também se entende que é o nível para 2017 é inferior – é o que nós estamos colocando no guidance – ao que se verificou ao longo de 2016.

É um trabalho de dia a dia. Nós também já conseguimos enxergar algumas tendências de redução.

Werner Kohler:

Só complementando especificamente quanto a essa questão da recuperação de ganhos de operações que são baixados a prejuízo, nós não enxergamos ainda o horizonte em que as operações poderão ser reativadas por meio de alguma renegociação. Dentro do nosso *guidance*, nós temos um fluxo normal de recuperações que está dentro do nosso histórico do banco.

Claro que nós temos algum estoque de operações que foram problemáticas e foram baixadas a prejuízo que “inadquiriram” lá no início de 2015, e que serão estoques de recuperação em algum momento no futuro. Nós temos o *guidance* e nós temos o fluxo normal de recorrente.

Gustavo Schroden:

Está ótimo, obrigado. A minha segunda pergunta é um pouco mais ampla, referente à situação do estado do Rio Grande do Sul e a negociação com o governo federal. Se vocês pudessem nos dar um overview de que estágio isso está, se existe um cronograma. Nós vimos recentemente, é uma definição diferente do estado do Rio de Janeiro, nós sabemos que tem a negociação acontecendo agora com o Rio Grande do Sul.

Se vocês pudessem dar um overview de como está essa negociação, se existe um cronograma, potenciais ativos que vão ser colocados ou que já foram oferecidos pelo estado como colateral para essa negociação com o governo federal. Um overview para sabermos situar em que pé está isso e quando podemos ter uma solução referente a essa situação e também quais os ativos que já foram colocados pelo governo do estado como colateral.

Ricardo Hingel:

A negociação está em andamento, inclusive nessa semana o pessoal do Tesouro Nacional esteve reunido na Secretaria da Fazenda, mas basicamente o trabalho, até onde eu sei, é de levantamento de dados. Não é uma negociação propriamente dita, é um levantamento de dados, é exatamente criar uma massa crítica para encaminhar uma negociação para a questão da dívida.

O estado está tendo um conjunto de ajustes, um conjunto de mais de 40 projetos de leis que foram encaminhadas para a Assembleia Legislativa em dezembro passado. Parte desses projetos já foram apreciados, aprovados ou rejeitados, e uma parte significativa é o que provavelmente deveremos voltar a pauta da Assembleia.

Com relação a eventuais ativos, a informação que nós temos passado para o mercado é nesse sentido. A administração do banco não pode falar e não fala pelo seu controlador em termos do

mesmo estado. O que nos cabe aí é informar o que já foi colocado publicamente pelo governo do estado como um todo, diversos secretários.

Alguns ativos eram colocados sim, algumas estatais deverão ser colocadas sim, mas mesmo parte dessas estatais que o governo pretende colocar já foi objeto de proposta de projetos, que foram encaminhados por pacote para Assembleia em dezembro, que não chegaram a ser votados, então eu estou nesse segundo lote que deverá ser votado provavelmente agora no final de fevereiro, início de março.

Só um parêntese aqui, já encaminha também os dados relativos ao banco, aqui existe dispositivo na construção do estado, que exige a realização de plebiscito para venda do controle de um conjunto de estatais onde o banco também faz parte.

Parte dessas estatais que o governo pretende privatizar já foram objeto dessas propostas de emenda constitucional para retirar esse tesouro e dívida da constituição, para não necessitar fazer esse plebiscito.

O governo já disse publicamente quais são as estatais que ele pretende privatizar, independente até da questão desse acordo com o governo federal. Eles resolveram privatizar a companhia de energia elétrica muito antes de começar a fazer essa negociação. E é o que o governo tem colocado, quais os ativos são exatamente, se eu não me engano são quatro estatais que se dispõe a colocar.

Publicamente já disse, diversos secretários inclusive, já foi dito por eles para o governo federal que o Banrisul não faz parte dos ativos que poderão ser objeto dessa renegociação com o governo federal, colocou isso publicamente.

Nos cabe além de passar essa informação, que é a que tem sido publicitada pelo governo do estado, assim conseguimos os demais quadros que seriam necessários para eventualmente sermos privatizados. O segundo ponto seria então, o governo do estado, por exemplo, muda de ideia, resolve privatizar o Banco, então o próximo passo a gente precisa fazer o plebiscito para que a população opine sobre a privatização do banco ou não.

Se ele não quiser fazer o plebiscito, então ele faz uma proposta de venda na constituição, retirando dela essa necessidade de fazer plebiscito. Uma vez que ele tire essa constituição aí ele tem poderes então para através de um projeto de lei, provavelmente, propor a privatização do banco.

Gustavo Schroden:

Só uma coisa que eu queria entender, está bem claro, o único ponto é que essa emenda constitucional que foi enviada para a Assembleia Legislativa e referente a esses outros ativos para que não haja o plebiscito referente a esses outros ativos que você mencionou. Essa matéria já foi apreciada? Já tem uma decisão? Ou tem um prazo para ser decidido isso aí? Eu não entendi direito esse ponto.

Ricardo Hingel:

O governo mandou mais de 40 projetos, uma parte já apreciada e essa não foi apreciada, a meta de estatais não foi apreciada. Pelo que nós sentimos também vão ter dificuldade em serem aprovadas. No caso de projetos de lei, a maioria simples é suficiente para aprovar o projeto de lei.

No caso de propostas de emenda da constituição, são necessários 3/5 e a votação se dá em dois turnos, e você tem que contar com os 55 parlamentares. Ou seja, se tiver metade dos parlamentares e metade mais um aprovar, não vai. Essa proposta de venda constitucional é muito mais difícil de ser aprovada do que o projeto de lei.

Gustavo Schroden:

Mas acontece agora em fevereiro essa apreciação?

Ricardo Hingel:

Entre fevereiro e março, não está definido ainda, não houve um acordo entre a Assembleia e o Executivo, mas o Banco não faz parte disso.

Gustavo Schroden:

Está claro. Muito obrigado pelas respostas, foram muito claras.

Yuri Fernandes, JPMorgan:

Bom dia, senhores. Obrigado pela oportunidade. Eu também tenho duas perguntas. A primeira é sobre outras despesas operacionais. Acho que o Alexandre até já comentou um pouco, mas ela veio bem pressionada no trimestre, cerca de R\$190 milhões. E olhando a quebra, nós vemos que veio por causa de desconto, dado as renegociações, que era uma mídia rodada em R\$15 milhões, R\$20 milhões por trimestres e veio em quase R\$100 milhões nesse trimestre.

Pelo que o Alexandre comentou, talvez isso seja colocado no futuro contra PL, então passe mais para o resultado. Eu só queria entender se é isso mesmo, para deixar isso claro e se essa linha deve voltar a ser linha de outras despesas operacionais em 2017, para nível mais normalizado. Depois eu faço minha segunda pergunta. Obrigado.

Alexandre Ponzi:

Talvez eu tenha me expressado mal durante a explicação. O que vai ser jogado contra o PL daqui para frente é o reconhecimento de despesa por variação cambial negativa, ou seja, uma apreciação do Real, na dependência do exterior, equivalência de dependência do exterior. O USD subindo ou descendo nós temos o impacto correspondente inverso no resultado do banco, seja

como receita 2015, uma receita muito forte advinda deste movimento, e 2016 o contrário, porque o USD se depreciou em relação ao Real ao longo do ano.

A contabilização deste impacto continua existindo, ela não é mais desse grupo de receita e despesa operacionais, outras, ele passa a ser contra patrimônio líquido. Portanto, nós temos um patrimônio robusto para suportar qualquer variação nessa rubrica sem que o patrimônio do banco seja afetado. Agora, o que houve por decorrência do ambiente econômico todo, por lidar com o crédito pressionado neste momento, é que houve sim renegociações de operações de crédito. Nós colocamos todo o crescimento de quase 50% no volume de renegociação de um ano para o outro, saindo de R\$900 milhões para R\$1,3 bilhão.

Por conta disso, operações que foram renegociada, o desconto que foi concedido, ele é reconhecido como uma despesa nesse grupo de outras despesas operacionais recorrentes, e é dito que é na variação de um ano contra o outro, nós tivemos R\$121 milhões ao longo do ano, que ele pode ter uma concentração mais em um trimestre e menos no outro, por conta sim do volume de negócios, por conta do negócio propriamente dito, e que junto despesa de ajuste de variação cambial, R\$58 milhões, eles acabam fazendo com que essa variação expressiva em um ano em que nós tivemos um crescimento de 406 no grupo de receita contra 635 na despesa, portanto, o net é negativo, mas muito mais forte ao longo do último trimestre.

A volatilidade por efeitos que o banco não controla de forma direta, que é a variação cambial, passa a ser registrada contra PL, e eventual renegociação de operação, desconto e renegociação continuam existindo. E aí vai depender muito da dinâmica de negócio.

Yuri Fernandes:

Perfeito, obrigado pelo esclarecimento, muito claro. Minha segunda pergunta é sobre o NOI, da margem financeira de vocês. Acho que o Guilherme já perguntou um pouco, mas é uma linha que tem chamado muito a atenção, vocês têm performado bem melhor do que os pares de vocês, mesmo ajustando por eventuais recuperações, o seu NOI cresceu muito bem em 2016.

Eu queria entender 2017, porque assim, uma parte grande do crescimento do NOI eu sei que veio por causa do movimento de reprecificação, mas uma outra parte também veio por uma queda da despesa com repasse de captação, principalmente no exterior. Eu queria entender se essa linha vai continuar rodando baixa em 2017, para eu tentar entender como vai ficar a margem financeira de vocês no ano que vem.

Ricardo Hingel:

Refaz um pouco a pergunta porque nós não entendemos bem.

Yuri Fernandes:

Se você pegar a quebra de vocês do NOI na receita financeira, ela veio R\$10,7 bilhões contra R\$10,8 bilhões no ano passado, ela caiu um pouco, mas se você olha a quebra das linhas de

crédito, eles cresceram, então não foi tanto o aumento de receita por carteira de títulos, pela carteira de crédito, pela carteira de USD, por receita que vocês fazem, com depósito, com USD, essas coisas. Foi muito mais uma questão de captação de vocês que teve uma queda do *funding*.

A despesa de captação de vocês, se você olhar o componente de repasse e captação, ele caiu 70%. Ele estava rodando em R\$1 bilhão e veio para R\$300 milhões. Eu queria entender se esse comportamento de repasses deve continuar rodando nos níveis de 2016, mais olhando a quebra estrutural do NOI de vocês.

Werner Kohler:

Na realidade, esse item especificamente que você está colocando é impactado pela variação cambial. Quando nós olhamos 2015, aumentou o custo porque nós tivemos uma variação cambial que gerou uma despesa nessa linha, mas em compensação nós tivemos lá na carteira de crédito FINIP, as linhas de ACC e outras na carteira de crédito que me geraram também receitas de variação cambial.

Agora no ano de 2017 nós tivemos o movimento inverso, esse movimento inverso de onde eu tive uma redução do meu passivo, que eu tenho em Reais relativo a essa moeda estrangeira, e também o mesmo efeito dentro das linhas porque nós trabalhamos totalmente hedgeados entre a nossa captação através de banqueiros no exterior que geram ações para operação de crédito e de FINIP.

Essa volatilidade que aconteceu nessa comparação 2016 com 2015 e 2017 vai depender exclusivamente do posicionamento do preço do Real em relação ao USD. Então, agora, nesse primeiro mês, por exemplo, nós tivemos uma nova redução. Fechamos a R\$3,25 em 31 de dezembro, agora nós estamos fechando entre R\$3,12 e R\$3,13.

Então, isso aí, de novo, trará uma redução de custo de 15%, mas jamais ajustado, porque no ano de 2016 fechamos com R\$4,00 praticamente e 2015/2016, fechamos com R\$3,00; então, essa é a avaliação que faz com que essa linha especificamente de obrigações por empréstimos de repasses em que nós tivemos essa redução acontecendo.

Yuri Fernandes:

Muito obrigado pela explicação, pessoal.

Carlos Daltoso, Banco do Brasil:

Bom dia a todos. Obrigado por pegarem a minha pergunta. É só um *follow-up* em relação à debênture do Estado, sobre a situação do Estado. Além do impacto marginal no atraso de repasses e de consignados, há algum outro tipo de impacto negativo para os negócios do banco? Uma origem menor de negócios? Qual é o real impacto da situação do Estado no resultado do Banrisul? Depois eu faço a minha segunda pergunta.

Ricardo Hingel:

A consequência do impacto do Estado é sempre boa. Sabemos – e temos que repetir –, mas é sempre importante clarear, as finanças do Estado não se comunicam com o Banco, porque o Banco não faz negócios com o Estado. Esse é um ponto primordial. A legislação protege o Banco e impede que o Banco, mesmo que ele e o Estado queiram, que tenham qualquer tipo de operação.

Então, na realidade, a relação dos bancos com o Estado é, basicamente, na prestação de serviços, na parte da arrecadação e, então, o ICMS todo é centralizado, toda a captura de ICMS vem para uma conta centralizadora, no caso do Banrisul. Agora na parte de crédito, é totalmente fora. Não existe nenhum tipo de relação. A relação que se tem com o Estado é basicamente direta com relação seus aos servidores, dos quais nós detemos a folha de pagamento.

Ele foi um material importante, são 310 mil servidores e que representa para nós um negócio bastante importante, relevante, tanto que tivemos o esforço de comprar os direitos sobre a folha. E essa carteira, hoje, são R\$5 bilhões de uma carteira de R\$30 bilhões para o banco, em que R\$3 bilhões de R\$5 bilhões são crédito consignado, R\$1 bilhão é o *real estate* e R\$1 bilhão é restante, com créditos gerais e spreads elevados.

Quando o estado atrasa, que é sempre a grande preocupação, a folha não está bem atrasada aqui. Mas, no máximo, em 15 dias, temos conseguido, ao longo desses 12 meses, pagar, ou seja, até o dia 15, a folha tem sido paga. Sendo que na primeira semana, ou seja, como o Estado paga linearmente, ele faz o mesmo valor para todo mundo e a folha vai ficando ao longo dos dias, até terminar no dia 15.

Na primeira semana, normalmente, tem sido pago mais de 60% da folha, então, claro é um barulho, é desconfortável para as pessoas, agora uma grande parte dos analistas acabam, efetivamente, recebendo na primeira semana, ou seja, é um atraso de uma semana, não é um atraso de um, dois ou três meses. Então, o nosso efeito nisso, e temos insistido muito – o efeito do Estado, houve o efeito do país sobre o Banco, tem que ser olhado na ótica do balanço.

Quando olhamos o balanço do Banco, percebemos que o problema todo do crédito, em termos de evolução da demanda para o crédito, a composição da carteira e a provisão têm efeito derivado rigorosamente da economia nacional. O estado do Rio Grande do Sul está com as suas finanças debilitadas, como grande parte dos estados brasileiros, sim, está, incluindo pela mesma razão, a recessão tirou as arrecadações do Estado e fica parte sofrendo.

Agora, quando materializamos isso e olhamos para o balanço do Banco, 100% dos efeitos com relação à carteira de crédito advêm unicamente da questão econômica do Brasil, não se enxerga no resultado do Banco, prejuízos quaisquer causados pelas finanças do Estado, pelas finanças do controlador do Banco e deve ser muito importante.

Quando olhamos o balanço, ele é impactado rigorosamente pela evolução econômica e não pela administração das finanças do Estado. Não sei se fomos claros nesse sentido. Vamos lá, essa crise já tem, pelo menos, dois anos e até hoje verificamos, fechamos o segundo balanço, então, hoje

essa questão do Estado não contaminar o banco é uma nossa realidade, tirando o Estado, quando perguntam, é o seguinte: qual é o efeito do Estado do Rio Grande no balanço do Banco, no resultados do Banco?

Nós fazemos a seguinte pergunta: você quer saber a situação da economia do Estado, que está conectada diretamente à economia nacional ou você quer saber a situação das finanças de dentro do Estado? As finanças dentro do Estado não impactam no resultado, o impacto do resultado é a situação da economia do Estado, derivada da economia nacional.

Carlos Daltoso:

Claro. A segunda dúvida é com relação a esse ruído sobre privatização, já ficou bem claro na resposta do Gustavo, mas só uma única dúvida: está tramitando na Câmara Estadual a proposta de emenda constitucional nº 259, que prevê essa retirada de necessidade de plebiscito para companhia energética, de gás e de mineração do Estado do Rio Grande do Sul e o Banrisul não está no escopo dessa medida.

Houve algum tipo de negociação com o Banrisul para que ele entrasse nessa medida, nessa proposta de emenda constitucional ou não? Só com o plebiscito mesmo seria possível uma eventual privatização do Banco?

Ricardo Hingel:

Como eu comentei anteriormente, isso é um assunto que chama o controlador, a questão do controlador, e que o controlador tem colocado para a administração do Banco que o Banco não entrará na negociação.

Esta é a questão: o Banco nunca foi consultado com relação a esse assunto. Nunca foi comunicado ou consultado porque, de novo, é uma decisão de governo e é exatamente isso que temos passado, ou seja, as informações todas públicas, registradas pelo governo, tem sido no sentido de não incluir o Banco, se eu achar próprio a materialidade, nesse sentido, está exatamente na questão da PEC.

Se o governo tivesse, a qualquer momento, a intenção ou a necessidade de incluir o Banco, já teria posto, a proposta de emenda constitucional retirando o Banco do plebiscito. Administrar e não é diferente do resto do país, é pecado falar em privatização, ou seja, quando o governo colocou essas outras estatais que são menos emblemáticas, menos representativas que o Banrisul, mesmo assim, já assumiu um desgaste pelo fato de já ter colocado essas estatais para uma eventual privatização.

Nas estratégias, de novo, a direção do Banco, o Conselho nunca foi chamado para discutir isso. O comprador tem plena autonomia para decidir. A diretoria do Banco, o conselho do Banco goste ou não, ele é soberano nesse sentido. Agora ser soberano nesse sentido e ter tomado já essas posições já é o que temos condições de passar para o mercado. Temos sido muito claros.

A matéria no Valor Econômico surgiu, inclusive, como manchete de capa, induziu o mercado a uma questão de *tag along*, questão de prêmio de controle e eventualmente se isso for se concretizasse, cartão subiria muito mais, então o acionista minoritário seria beneficiado. Temos procurado ser muito claros no mercado é dar os fatos necessários do que efetivamente vem ocorrendo, se vocês veem com exatidão, a matéria do Valor, é mais manchete do que conteúdo.

O conteúdo fala de fontes não identificadas ligadas ao Governo Federal, que falou que, talvez, se o Banco entrasse, quando na mesma matéria, o representante do Estado em absoluto, não há uma vírgula sequer que tivesse sido aberta possibilidade. Todas as manifestações públicas do governo tem sido nesse sentido, o Banco não faz parte.

Então, quem compra agora, que nós não temos controle é, se alguém no mercado acredita que o governador possa mudar de ideia, que o plebiscito possa ser aprovado ou que a PEC possa ser aprovada, essa movimentação, aí é posse de cada um. O que nos cabe aqui é ter claro com relação ao que efetivamente aconteceu até o momento.

Carlos Daltoso:

OK. Muito claro. Obrigado pelas respostas.

Operador:

Encerramos neste momento, a sessão de perguntas e respostas. Gostaria de retornar a palavra ao Sr. Ricardo Hingel para suas considerações finais.

Ricardo Hingel:

Eu gostaria de agradecer a todos e continuamos aqui, é nossa tradição sermos os mais transparentes possíveis e em função disso, estamos sempre bastantes disponíveis, a Natália do RI que é conduzida pelo Alexandre.

Como vocês sabem, temos um canal disponível para passar toda e qualquer informação, fazer *call* posterior e uma mensagem: olhando um pouco do cenário, que é o que nos preocupa, sabemos que 2017 é um ano que tende a melhorar. É uma melhora gradual, lentas, mas o ano de 2017 é um ponto de inflexão. Essa é a questão das reformas, e parece que elas são fundamentais, o Governo terá condições de aprovar as reformas necessárias.

E essas reformas necessárias, enxergamos como fundamentais para um equilíbrio de longo prazo. A mesma coisa de juros de longo prazo, elas vão melhorar, elas vão poder capturar na medida em que as reformas vão conectar a questão a reforma da previdência, essas dão equilíbrio por causa de longo prazo – coisa que nós ainda não capturamos na curva futura de juros. A curva futura de juros vai movimentar quando o ambiente tiver melhor risco.

Só que a partir de 2020, se tudo der certo, não haverá tanto anos difíceis pela frente. Estamos achando que a questão da política monetária é um ponto fundamental que é praticamente aquilo que o governo tem na mão para tentar fazer uma melhoria de cenário de curto prazo.

Nós entendemos que a redução de taxa de juros pode ser acelerado. O Banco, na última reunião com os diretores do COPOM, nossa previsão é 0,55, na contramão do mercado, 1,50, e nós entendemos que ainda possa haver uma aceleração. Nossa visão é que há condições de haver uma queda de 1% na próxima reunião porque acho que essa é a pré-condição, ou seja, a política monetária é uma pré-condição para uma retomada antes ou depois.

Quando nós e todos os analistas com quem conversamos olhamos para 2018, por que enxergamos que cresce 2%, 2,5% e até 3,0%? Porque um dos componentes que auxilia isso é exatamente o rolo da política monetária (falha de áudio).

Operadora:

Senhoras e senhores, queiram, por gentileza, permanecerem conectados, o *conference call* do Banrisul retornará em instantes.

Por favor, senhores, podem prosseguir.

Ricardo Hingel:

Desculpe, houve uma falha técnica, que faz a conexão cair, mas só para fechar, pessoal – a nossa visão em termos de economia é exatamente nesse sentido: em 2018 o mercado enxerga uma melhora na recuperação, a média de mercado hoje é na ordem de 2,5% de crescimento. Por quê?

Porque entre os componentes que formam essa evolução, essa melhora, estão os efeitos defasados da política monetária. O mercado, hoje, está majoritariamente apostando que as taxas Selic vão fechar este ano próximas de 9,5%, ou seja, existe esse bônus de política monetária em função desse efeito defasado de política monetária que vai estimular a economia a partir de 2018. Se houver uma aceleração na taxa, se antecipa esses efeitos, então, o 2S pode ser um pouco melhor do que a maior partedo mercado está enxergando.

Então, nesse sentido, temos sido conservadores, mas acreditamos que os resultados podem e tendem a ser um pouco melhores do que a maior do mercado está enxergando em termos de recuperação econômica. E temos essa visão, então, de que a política monetária é a chave principal para uma recuperação econômica de curto prazo. Que os efeitos do requerido fiscal vão se dar no longo prazo.

Então, essa composição de política monetária com equilíbrio fiscal de longo prazo vão permitir uma redução da taxa de juros futura que é o ponto principal que estamos enxergando para um reequilíbrio. A taxa de juros no Brasil, hoje, é um veneno, que está segurando a recuperação e está prejudicando e machucando as empresas e as pessoas físicas.

Por enquanto, era isso. Muito obrigado a todos e ficamos, então, à disposição.

Operadora:

O *conference call* do Banrisul está encerrado. Agradecemos a participação de todos e tenham um bom dia.

“Este documento é uma transcrição produzida pela MZ. A MZ faz o possível para garantir a qualidade (atual, precisa e completa) da transcrição. Entretanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais falhas, já que o texto depende da qualidade do áudio e da clareza discursiva dos palestrantes. Portanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais danos ou prejuízos que possam surgir com o uso, acesso, segurança, manutenção, distribuição e/ou transmissão desta transcrição. Este documento é uma transcrição simples e não reflete nenhuma opinião de investimento da MZ. Todo o conteúdo deste documento é de responsabilidade total e exclusiva da empresa que realizou o evento transcrito pela MZ. Por favor, consulte o *website* de Relações com Investidor (e/ou institucional) da respectiva companhia para mais condições e termos importantes e específicos relacionados ao uso desta transcrição.”